



RCA  
REDE DE  
COOPERAÇÃO  
ALTERNATIVA BRASIL

ASSOCIAÇÃO TERRA INDÍGENA XINGU – ATIX  
ASSOCIAÇÃO WYTY-CATÊ DOS POVOS TIMBIRA DO MA E TO  
CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA – CTI  
COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE – CPI/AC  
CONSELHO DAS ALDEIAS WAJÁPI - APINA  
FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO – FOIRN  
HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI - HAY  
INSTITUTO DE FORMAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO INDÍGENA – IEPÉ  
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA  
ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS DO ACRE – OPIAC

## Documento Base do Encontro Temático

# Gestão de Patrimônios Culturais Indígenas: compartilhar conhecimentos construindo elos

26 a 30 de setembro de 2010  
Museu do Índio - Rio de Janeiro

Encontro Temático 2010  
Gestão de Patrimônios Culturais Indígenas:  
compartilhar conhecimentos construindo elos

Realização:



Rede de Cooperação Alternativa - RCA Brasil



Museu do Índio - Funai

Organizações integrantes da RCA-Brasil:



Apoio:



Organização do Documento Base  
Luís Donisete Benzi Grupioni

26 a 30 de setembro de 2010  
Rio de Janeiro - RJ

RCA Brasil  
Rua Professor Monjardino, 19  
Vila Sônia - 05625-160 - São Paulo - SP  
Tel. (11) 3746-7912  
E-mail: [redesca@gmail.com](mailto:redesca@gmail.com)  
Blog: <http://rcabrasil.blogspot.com/>



RCA  
REDE DE  
COOPERAÇÃO  
ALTERNATIVA BRASIL



## Encontro Temático “Gestão de Patrimônios Culturais Indígenas: compartilhar conhecimentos construindo eles”

26 a 30 de setembro de 2010 - Museu do Índio – Rio de Janeiro

### Programação

#### DIA 26 DE SETEMBRO

Chegada de todos os participantes no Rio de Janeiro.

#### DIA 27 DE SETEMBRO

##### Manhã

Abertura do Encontro.

Apresentação dos participantes + acordo de convivência.

As atividades do Plano de Trabalho da RCA em 2010.

As atividades de valorização cultural do Museu do Índio.

##### Tarde

Apresentação da FOIRN e ISA sobre o registro da Cachoeira da Onça (AM).

Apresentação do CTI sobre as pesquisas indígenas no Vale do Javari (AM).

##### Noite

Visita ao Pão de Açúcar.

#### DIA 28 DE SETEMBRO

##### Manhã

Apresentação da ATIX e ISA sobre iniciativas de valorização cultural no Xingu.

Apresentação da Wity-Catë e CTI sobre o projeto Mentwajê e sobre o Centro Timbira Penxwyi Hemptjã.

### **Tarde**

Visita às dependências do Museu do Índio (exposição e acervos).

Apresentação do Apina e Iepé sobre o Plano de Salvaguarda Wajãpi e o Centro de Formação e Documentação Wajãpi.

Apresentação da OPIAC e CPI-AC sobre as pesquisas indígenas no Acre.

### **Noite**

Passeio Turístico.

## **DIA 29 DE SETEMBRO**

### **Manhã**

Apresentação do Iepé sobre o trabalho de valorização cultural com as mulheres do Tumucumaque.

Apresentação da Hutukara e ISA sobre valorização lingüística nos Yanomami.

### **Tarde**

Grupos de trabalho:

O que aprendemos com essas experiências? Quais os pontos fortes e os pontos frágeis dessas iniciativas? Por que e para que serve a gestão dos patrimônios culturais indígenas?

### **Noite**

Visita ao Centro Cultural do Banco do Brasil.

## **DIA 30 DE SETEMBRO**

### **Manhã**

Grupos de trabalho para síntese de questões (propostas na assembléia da RCA):

Quais as estratégias indígenas frente à mudança cultural?

Como estamos trabalhando com os novos espaços (museus, centros de cultura, casas de cultura), as novas estratégias (formação de pesquisadores, documentação e registro) e uso de novas tecnologias (gravadores, filmadoras, internet) na transmissão de conhecimentos?

### **Tarde**

Grupos de Trabalho:

A partir das nossas experiências, e do que discutimos no Encontro, o que temos a propor para as políticas públicas de valorização dos patrimônios culturais indígenas?

Plenária Final.

Avaliação.

### **Noite**

Retorno dos Participantes.

## Sumário

### **CPI-AC e OPIAC 01**

**Valorização do Patrimônio Cultural Indígena no Projeto de Autoria da Comissão Pró Índio do Acre**

### **Apina e Iepé 10**

**Breves considerações acerca do Plano Integrado de Valorização dos Conhecimentos Tradicionais para o Desenvolvimento Sócio-ambiental da comunidade Wajãpi do Amapá**

**Programa “Arte com sementes e miçangas” de valorização dos conhecimentos das mulheres tiriyo e kaxuana**

### **CTI e Wyty-Catë 15**

**Mentwajê Cultural**

**Gestão de Patrimônios Culturais Indígenas na TI Vale do Javari**

### **ATIX 22**

**Resumo da Apresentação do trabalho de gestão de patrimônio cultural da Associação Terra Indígena Xingu- ATIX**

### **FOIRN e ISA 24**

**A “Cachoeira de Iauaretê” ou “Cachoeira da Onça”**

### **Hutukara e ISA 27**

**Programa de Educação**

---

CPI-AC e OPIAC

Maria Luiza Pinedo Ochoa  
Luiz Marcelo Jardim  
Elizaniide Alves da Silva

José Mateus Kaxinawa  
Jose de Lima Kaxinawa  
João Inácio da Silva Filho

## Valorização do Patrimônio Cultural Indígena no Projeto de Autoria da Comissão Pró Índio do Acre

Esse texto procura refletir o caminho percorrido por parte dos professores indígenas e assessores da CPI/Acre, em seu contexto de trabalho, na sistematização e registro de alguns aspectos do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas no Acre.

O Programa de Educação “Uma Experiência de Autoria” inicia seu trabalho em 1983, num contexto de luta pelos direitos indígenas, principalmente, o direito a terra. Desde então, os povos indígenas no Acre estiveram atrelados ao modelo de ocupação territorial imposto pela empresa seringalista, morando dispersos em “colocações” dentro dos seringais, sistema que foi determinante para o enfraquecimento de vários aspectos culturais desses povos.

Inicialmente, o trabalho de educação veio atender a uma demanda das lideranças indígenas para formar jovens que pudessem apoiar o funcionamento das cooperativas indígenas, a primeira iniciativa criada para substituir o barracão dos patrões e uma estratégia para fixação desses povos nas suas terras recém reconquistadas. Era o início da reorganização das aldeias que, junto, trouxe a reflexão e a reafirmação da própria identidade.

Refazendo um percurso cronológico por meio dos diferentes documentos, depoimentos e livros produzidos, nota-se os diversos espaços e processos de valorização e fortalecimento dos conhecimentos indígenas, cujos principais atores e autores foram, no princípio, os professores indígenas. Eles foram os protagonistas da mobilização nas aldeias em busca do conhecimento junto aos mais velhos.

O depoimento do professor Ixã Kaxinawá retrata bem esse processo, quando reflete sobre a sua própria experiência como pesquisador:

*“Mudou muita coisa quando saímos do tempo do cativo para o tempo dos direitos. As pessoas que naquele tempo trabalhavam com os seringalistas, alguns deles são aposentados, tanto os velhos como as velhas. São seus filhos e netos que estão coordenando as comunidades como lideranças, agentes de saúde, agentes agroflorestais e professores. Mas tem aldeias que ainda têm lideranças antigas, como o Agostinho Mateus que está trabalhando junto com a família dele, com os filhos, netos, com o genro e com o sogro. Essa mudança aconteceu, com relação à cultura, na medicina tradicional, na música, na prática mesmo de danças. No tempo do cativo, a gente não tinha tempo, todo mundo trabalhava somente na seringa, no roçado, e todo mundo morava espalhado. Sozinho e isolado. E agora está diferente.*

*Naquela época, as crianças não conheciam muita coisa. Eu, por exemplo, não aprendi as músicas até os 22 anos e durante esses 22 anos eu não sabia nenhuma música tradicional, não conhecia medicina tradicional, eu não sabia de nada. E agora as crianças, desde pequenas, todo mundo está aprendendo mesmo. **Então foi uma mudança que voltou mesmo para fortalecer a cultura.***

*O meu pai sabia das músicas, só que eu nem me interessei. Quem sabia eram os velhos mesmo, como Miguel Macário, o velho Romão, pai do Ibã, que agora já está bem velhinho. Essas pessoas eram como se tivessem um doutorado mesmo, no conhecimento do nosso povo, no que diz respeito à cultura.*

Edson Medeiros Ixã Kaxinawá  
(Entrevista realizada em abril de 2005)

## **A pesquisa como instrumento para o fortalecimento e preservação cultural**

O marco principal do trabalho com a pesquisa de autoria indígena inicia em 1989 quando a liderança Siã Kaxinawá realiza uma viagem para as aldeias dos seus parentes Kaxinawá, no Peru, motivado pelo interesse de registrar aspectos da cultura tradicional num local que se mantivera protegido do contato com o sistema seringalista. Nessa viagem, que durou três meses, Siã fez gravações de histórias contadas por antigos Huni Kui. Trouxe para o Brasil um professor bilíngüe, Armando Purixo, para transcrever essas histórias em língua kaxinawá, em um trabalho que durou seis meses. Esse ato mobilizou um grupo de 20 professores kaxinawá durante o IX Curso de Formação, em 1990. Neste Curso, inicia-se o processo de revitalização cultural cujo resultado foi a edição do **primeiro livro de história** escrito em hãtxa kui pelos professores indígenas – o *Shenipabu Miyui – História dos Antigos*, em 1995<sup>1</sup>. Nesse processo, manuscritos foram lidos, adaptados e ilustrados; houveram discussões e decisões coletivas que deram o fio condutor da autoria indígena.

Desde então, os temas de pesquisas estão muito relacionados aos costumes, tradições e práticas culturais da medicina tradicional, das músicas, das pinturas e dos mitos. A seguir mostraremos situações de alguns temas:

### **Plantas medicinais**

Uma das primeiras pesquisas publicadas foi *Plantas medicinais – Doenças e Curas do Povo Huni Kuĩ*, de Edson Medeiros Ixã Kaxinawá, e desencadeou uma mobilização entre os alunos da escola com as fontes da informação, no caso, os velhos. Um deles foi o pai do pesquisador Ixã, o Sr Francisco Medeiros Txanu Kaxinawá. Sabe-se que posterior ao livro de pesquisa, o tema da medicina tradicional ganhou destaque em todas as aldeias. Em muitas delas se formaram as “Farmácias Vivas”, chamadas, também, de “Parques de Medicina”, que são locais e/ou trilhas na mata onde se identificam as espécies e se pratica a medicina tradicional para curar doenças causadas pelos espíritos e pelos animais. Entre os Agentes de Saúde, as Farmácias Vivas se tornaram um manual de apoio ao seu trabalho.

A prática sobre o uso das plantas medicinais e a formação de “Farmácias Vivas” geraram outras preocupações de cunho ambiental com relação a sua implementação nas aldeias. É importante e interessante perceber que as discussões são coletivas e levantadas por uma atividade relacionada à formação do pesquisador indígena e aos

---

<sup>1</sup> Uma segunda edição desse livro foi em 2000 pela Universidade de Minas Gerais, que colocou como bibliografia recomendada para o vestibular da faculdade de Letras daquele ano.



cuidados necessários a serem pensados aplicados para as discussões mais amplas, como a da gestão territorial. Como afirma Ixã Kaxinawá.

*“Com relação ao manejo das plantas medicinais, tem que ser bem discutido. Por exemplo: Se nós temos 300 famílias que moram na Terra Indígena, vão sair 300 roçados. Mas, tem que ver com aquela comunidade, se ela vai abrir mata virgem ou se vai ser capoeira. Mas, antes disso, a gente tem que identificar a nossa medicina tradicional com os velhos e com os agentes agroflorestais e com os agentes de saúde. Se a gente encontrar uma espécie que é difícil de achar, e que está na capoeira, vamos tirar ela dali e vamos levar para a “Farmácia Viva”, perto da aldeia, para plantar lá”.*

Edson Medeiros Ixã Kaxinawá  
(Entrevista realizada em abril de 2005)

### **Festas e cantos**

As pesquisas sobre festas e cantos tradicionais, como os do *Nixi Pae* (ayahuasca), realizada pelo professor Isaias Sales Ibã, demonstrou que além do registro escrito, outros conhecimentos complementares vieram juntos no processo. Exemplo disso é a contextualização da ciência kaxinawá com os aspectos míticos em que os rituais acontecem e que justificam os diversos princípios que devem ser seguidos, tais como as dietas, as condições do preparo da bebida, o movimento de se cantar cada canto.

Pelo produto da pesquisa está se colocando esse conhecimento em prática, pois torna-se uma atividade cotidiana entre os jovens das aldeias do autor indígena e que se expande para outras aldeias e outras terras indígenas, motivando novos registros na busca de outras músicas. Como afirma Itsaiu Mateus Kaxinawá:

*“Procurei essa experiência vendo o trabalho do Ibã que já vinha pesquisando sobre o cipó [ayahuasca], as músicas, e cheguei mais perto dessa pesquisa. Não é só para aprender a preparar e tomar o cipó... Tem várias coisas importantes nessa ciência que nós, professores, temos que saber e tratar todos esses relacionamentos. Nesse caminho eu descobri que a música está presente em todas as partes de trabalho do meu povo. Na pesquisa do “tempo do cativo” tudo isso vai entrar, porque foi o tempo que meu povo não tinha tempo para ter experiência com sua própria cultura. E a música é uma parte muito importante da nossa cultura, em qualquer tempo.*

Itsaiu Mateus Kaxinawá  
(Entrevista realizada em maio de 2006)

### **Festas e Rituais Tradicionais**

No livro “Costumes e Tradições do Povo Yawanawá”, o professor Aldaiso Luis Vinnya, um dos principais responsáveis pela pesquisa que deu produto à obra, reflete que todo esse processo contribuiu para o surgimento da arte e a valorização de conhecimentos e práticas tradicionais do seu povo. Esse movimento ocorre por volta de 1997, quando o professor retornou à sua aldeia depois de 10 anos morando na cidade. Esse retorno foi motivado pelos cursos de formação que ele começou a participar. Nesse local, iniciou sua pesquisa:

*“Quando retornei para a comunidade Nova Esperança, saindo da cidade, foi quando fiquei curioso e comecei a perguntar para o velho Raimundo sobre os cocares, como eram feitos antigamente, quem usava, quem não usava e o que significavam. Foi quando começou a falar para mim e vi que somente ele tinha esse tipo de conhecimento.*

*Na mesma época, alguns jovens e lideranças começaram a entrar na mata para fazer todo o processo para se tornar pajé. Parece que estourou tudo dentro da cultura Yawanawá, como se fosse uma coisa presa há muito tempo.. Eu sonhava com os cocares e, quando acordava começava a desenhar o chapéu que eu via no sonho.*

*Fui levando os conhecimentos para a escola também, e as crianças foram aprendendo. “Agora todos usam chapéu...”*

Aldaiso Luis Vinnya (2007 )

Toda a mobilização de trazer esses conhecimentos, no caso da pajelança e de outros aspectos da cultura Yawanawá, tem um efeito multiplicador e uma relação de complementariedade, porque uns conhecimentos puxam outros. No caso do aprendizado da pajelança, veio junto toda a técnica de fazer os chapéus; em seguida, a necessidade de aprender e fazer as tintas e os desenhos que compõem a pintura corporal, que é uma característica desse povo e, hoje, ficou muito conhecida no “Festival Yawa”. As pinturas também serviram de matéria prima para o design de uma grife de roupas.

*“Com o processo da pajelança e de novos conhecimentos, a gente começou a ter mirações das pinturas. O pajé dizia e nós tentávamos fazer do jeito que ele falava. E isso ajudou bastante a gente usar algo que não estivesse imitando outro povo. Era uma pintura que estava surgindo a partir dos processos da pajelança”.*

*“Os Yawanawá não faziam a arte do cesto, da cerâmica, do arco, da flecha, da lança, da borduna. Eram coisas praticamente esquecidas que não se faziam mais. A partir do momento em que a gente começou com as nossas praticas culturais, a gente começou a dançar, começamos a fazer as nossas festas e rituais, nós sentimos a necessidade de recuperar aquelas coisas que era da nossa cultura realmente.”*

Aldaiso Luis Vinnya (2007 )

## **DESDOBRAMENTOS**

### **Nas aldeias**

Percebe-se como resultados de uso, recuperação e gestão do patrimônio cultural material e imaterial indígena no Projeto de Autoria da CPI/Ac, os seguintes aspectos:

- ✓ Hoje, são manifestações culturais muito vivas, conforme demonstra as experiências acima narradas, e existe a certeza de que o registro de alguns aspectos da cultura são importantes para o fortalecimento, revitalização e difusão entre um povo, ou entre vários povos, como diz a liderança Agostinho Manduca “registrar é espalhar o conhecimento”.

- ✓ O ato de pesquisar gerou uma motivação coletiva para o ensino/aprendizagem dos diversos conhecimentos e uma conscientização positiva e generalizada em relação ao resguardo dos conhecimentos tradicionais.
- ✓ A pesquisa e o livro são processos participativos e educacionais; e são meios de incentivar a busca, a valorização e o resguardo do conhecimento tradicional.
- ✓ A busca pelas informações e conhecimentos gera uma grande mobilização nas aldeias, envolvendo velhos, crianças e jovens.
- ✓ Existe uma mobilização que gerou eventos culturais com a participação de outras aldeias e intercâmbios com outras terras indígenas.
- ✓ Os temas das pesquisas foram incorporados ao currículo das escolas e tornaram-se material de leitura para o público em geral, para o aprendizado dos conhecimentos tradicionais, tornando-se, também, objeto multiplicador.
- ✓ A Comissão Pró-Índio do Acre desenvolveu uma linha de pesquisa que promove a edição de livros com uma linguagem própria e uma estética propriamente indígena.

### **Nas políticas públicas**

As continuidades do processo de formação de pesquisadores indígenas, que apontam para formas próprias de pesquisa para a revitalização do conhecimento do povo, estão refletidas nos projetos apresentados ao Prêmio Culturas Indígenas, promovidos pelo Ministério da Cultura, desde 2007. Em o 2009, o Governo do Acre criou o Prêmio de Cultura Indígena Estadual. A grande maioria das iniciativas apresentadas está sendo a continuidade dos trabalhos iniciados pelos professores no âmbito das atividades da CPI/AC. Por exemplo, as iniciativas inscritas pelos professores Lucas e Jaime Manchineri são os seus projetos de pesquisas iniciadas durante os cursos de formação da CPI/Ac, voltados à revitalização das pinturas corporais, e uma visita aos seus parentes Piro, no Peru, para fazer levantamentos sobre cerâmica e tecelagem.

O projeto da comunidade Apiwtxa do povo Ashaninka, *Kowitsi Cultura Tradicional Ashaninka*, aprovado pelo Programa de Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas – PDPI - tem como objetivo dar prosseguimento às discussões dos professores junto a comunidade, sobre a preservação do patrimônio cultural e dos recursos naturais daquele povo. Especificamente, o projeto vai trabalhar na revitalização do conhecimento da técnica de fazer cerâmica, ligada a conhecimentos míticos, que, atualmente, é uma prática mantida por apenas duas mulheres da comunidade.

### **Uma prática continuada que visa garantir a sobrevivência do patrimônio cultural dos povos indígenas no Acre**

O trabalho com as pesquisas iniciadas com os professores indígenas teve um desdobramento importante no currículo e formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas. As pesquisas estão muito relacionados ao trabalho do AAFI com foco na

relação dos diversos conhecimentos sobre meio ambiente, uso e manejo dos recursos naturais. As pesquisas dos AAFIs envolvem temas como: culinária indígena – alimentação, dieta e resguardo - brincadeiras, índios isolados, música, medicina indígena, caça e pesca, histórias indígenas, agricultura, uso e manejo dos recursos naturais e habitação. O AAFI Jorge Domingos Kaxinawá explica os motivos da sua escolha pelo tema das festas tradicionais do seu povo.

*“A festa do katxanawa é uma festa tradicional do povo Huni Kuï, escolhi esse tema porque venho há muito tempo **buscando as informações, aprendendo a cantar e sou o incentivador na minha aldeia. [Ela] está relacionado ao trabalho do Agente Agroflorestal Indígena** por que tem músicas que a gente canta para as sementes das plantas germinarem bem e têm músicas que a gente canta para as mudinhas que foram plantadas nos roçados crescerem bem na terra. E têm outras músicas que é para as plantações soltarem as flores tudo igual, ao mesmo tempo, e daí soltarem as frutas e as sementes para, futuramente, plantar de novo no roçado, se alimentar com as frutas,Esse é o significado de uma música”.*

*AAFI Jorge Domingos Kaxinawa (2010)*

Já o AAFI Xipim Kaxinawá escolheu dieta e resguardo para sua pesquisa:

*“A pesquisa explica um pouco do conhecimento sobre a dieta e resguardo que meu povo ainda pratica, de como todos temos que nos cuidar, tendo o conhecimento da natureza para fazer a dieta e o resguardo dos animais e da comida feita com recursos dos nossos roçados, dos nossos legumes tradicionais. Este conhecimento trata do cuidado com as crianças, do jovem, do adulto e dos velhos, tanto dos homens e das mulheres”.*

*AAFI Xipim Kaxinawá (2010)*

Ampliar o trabalho de pesquisa no campo de atuação dos AAFIs é uma garantia da continuidade desse processo e a conscientização por parte da comunidade de que são eles os principais agentes do resguardo desses conhecimentos.

*Para o AAFI Xipim Kaxinawá a pesquisa precisa ter continuidade, pois aspectos importantes da cultura podem estar ficando esquecidos.*

*“Se observamos vemos que muito conhecimento existe, ainda está preservado e conservado, mas não está sendo usado pelo povo, por isso pode correr o risco de se perder. Depois pode ficar mais difícil colocar em prática com as futuras gerações. O que é nosso temos que proteger, evitar as ameaças a nossa cultura. Podemos fazer isso tomando providências, **pesquisando, praticando, registrando, ensinando e incentivando** a importância dentro e fora da nossa comunidade. A pesquisa tem que ser feita realizando estudo de campo com os velhos conhecedores”.*

*AAFI Xipim Kaxinawá (2010)*

## **O Centro de Documentação e Pesquisa Indígena – CDPI**

Foi criado em 2007 para resguardar o rico acervo de autoria indígena - manuscritos, pinturas, desenhos, esculturas, memoriais, gravações sonoras e audiovisuais, etc. - que a CPI/AC conseguiu guardar nos seus 31 anos de trabalho. O CDPI possui

também, um conjunto de obras sobre os povos indígenas do Acre e sobre temas relacionados, de autoria de pesquisadores em diversos campos do saber, como geografia, antropologia, lingüística, agroecologia, educação entre outros.

Além desse acervo bibliográfico, a CPI/AC possui uma extensa documentação sobre os seus vários anos de atuação no indigenismo, especialmente sobre a história da educação escolar indígena no Acre e sobre a atuação em temas como gestão ambiental e outros relacionados. O CDPI tem a guarda de um acervo documental específico sobre o processo de demarcação das terras indígenas, que dão suporte para as comunidades no resgate da memória e da história dos povos indígenas do Acre.

Muitos dos documentos do Centro de Documentação foram utilizados em grande parte nas pesquisas indígenas, isso contribuiu no enriquecimento dos trabalhos, com imagens, fotos e informações bibliográficas. Ao mesmo tempo, os produtos das pesquisas enriquecem o próprio acervo do CDPI.

Atualmente, os trabalhos são realizados por uma equipe de duas pessoas trabalhando 20 horas semanais que são responsáveis pela organização, manutenção e gestão de seu acervo. O setor não possui recursos suficientes (próprios) para os seus trabalhos de documentação, dependendo apenas de um projeto que recebe apoio do BNDS e de recursos provenientes de um fundo de reserva institucional.

## **Desafios**

Os desafios são vários e decorrem de mudanças internas no Programa de Educação, a partir do momento em que o grupo de professores que participou dos Cursos de Formação Continuada da CPI/AC, inicia a sua formação no Curso de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre. Desde então, tem sido difícil o diálogo com a UFAC para uma parceria onde possa dar-se a continuidade do trabalho com as pesquisas que estão em andamento. Perdemos a governabilidade a partir do momento que a Educação Indígena passou a ser uma política da Secretaria Estadual de Educação e mais recente com a criação do curso superior indígena.

Por outro lado, o apoio financeiro atual é limitado e muito pontual por parte dos programas dos governos federal e estadual. Nos últimos anos temos conseguido editar e publicar algumas pesquisas com diversas parcerias, como foi realizado com a Fundação Tokio, Museu do Índio, Fundação Cultural Elias Mansour e o Iphan.

Mas o apoio para a realização de cursos e oficinas, onde as discussões acontecem e se definem políticas de salvaguarda dos conhecimentos tradicionais, como a manutenção de uma equipe mínima de assessores, espaços importantes, portanto, é cada vez mais difícil.

Cabe, agora, pensar novas estratégias para estabelecimento de parcerias para a continuidade dos processos. Principalmente de processos onde os povos indígenas, através de suas representações, detenham sua liderança.

---

APINA e IEPÉ

Japu Waiãpi  
Kasiripina Waiãpi  
Kuripi Waiãpi

Bruno Walter Caporrino  
Denise Fajardo Grupioni  
Jeciane Fonseca de Souza  
Yosita Renes Tiriyo

## **Breves considerações acerca do Plano Integrado de Valorização dos Conhecimentos Tradicionais para o Desenvolvimento Sócio-ambiental da comunidade Wajãpi do Amapá**

(Plano de Salvaguarda das Expressões gráficas e orais dos índios Wajãpi do Amapá, reconhecidas em 2002 como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo IPHAN/Brasil e em 2003 como Obra-prima do Patrimônio Imaterial da

---

*“Nós queremos que os não-índios conheçam nossa cultura para respeitar nossos conhecimentos e nosso modo de vida. Se os não-índios não respeitam nossa cultura, até os nossos próprios jovens podem começar a desvalorizar nossos conhecimentos e modos de vida. Por isso, nós queremos apoio para continuar este trabalho com os nossos parceiros, de formação dos Wajãpie também de formação dos não-índios para entender e respeitar os povos indígenas”. (Povo indígena Wajãpi do Amapá)*

### **1. A história do Plano**

A pedido das lideranças Wajãpi, preocupadas com o futuro político de seu povo diante dos desafios trazidos pelo contato cada vez mais intenso com os não-indígenas, especialmente no que tange à manutenção de seus modos de viver, produzir, e, sobretudo, pensar a vida e sua produção, o APINA (Conselho das Aldeias Wajãpi), com assessoria do Iepé, através dos esforços da antropóloga Dominique Tilkin Gallois, empreenderam uma série de ações que visavam a preservação dos saberes Wajãpi.

Estas ações foram focadas no conhecimento minucioso e no posterior reconhecimento da arte gráfica e das expressões orais da sociedade Wajãpi como patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN, por meio de um dossiê, e que resultou no posterior reconhecimento destas expressões gráficas e de tudo o que as envolve e movimenta como obra prima do patrimônio imaterial da humanidade pela UNESCO.

Instituiu-se, assim, o Plano de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Wajãpi que tem como fito o fortalecimento cultural dos Wajãpi, por meio de atividades e componentes que objetivam a promoção do reconhecimento e da valorização.

### **2. Composição do Plano**

Esses dois registros foram muito divulgados pela imprensa, através da televisão e da internet, principalmente fora do Brasil, mas também nos meios de comunicação nacionais. Todavia, no Amapá a imprensa e os órgãos do governo não deram muito destaque para o registro, nem entenderam a importância de uma iniciativa de valorização cultural tomada por um grupo indígena do estado.

Entre os Wajãpi, no momento dos registros, foram realizadas várias festas, organizadas pelos chefes. Essas festas foram internas, para os Wajãpi mesmo

comemorarem o registro entre si, nas aldeias, o que atesta o aspecto revigorante que uma tal prática enseja entre as culturas.

Esse fator, dentre tantos outros, tais como os debates proporcionados pelos levantamentos do Dossiê e os registros, fortalecem a cultura internamente, colocando a comunidade em estrita comunicação consigo mesma e em febril debate com seus próprios valores e concepções. Eis o componente externo do Plano: revigorar e valorizar os saberes Wajãpi envolvidos na produção e re-produção de suas expressões orais e gráficas.

O componente externo visa atender à segunda, mas não menos importante, preocupação das lideranças Wajãpi que motivou a confecção dos dossiês e o registro: a desvalorização e o preconceito por parte dos não-índios quanto à seus saberes e manifestações e as ameaças aos mesmos que daí pudessem decorrer, tais quais o uso indevido dos padrões de pintura corporal Kusiwa, cuja manipulação implica no conhecimento de uma série de valores e concepções cuja ignorância ameaça.

### **3. Integrantes do Plano**

Integram o Plano:

- APINA (Conselho das Aldeias Wajãpi);
- IEPÉ (Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena); NHII-USP (Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo);
- NEI (Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Educação do Estado do Amapá).

Ademais, mediante o reconhecimento e o registro, foi possível contar com o apoio:

- do IPHAN/MinC, através do projeto Pontão de Cultura “Arte e Vida dos Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará”;
- da Petrobrás Cultural;
- do Latin American Studies Association (LASA) – cursos e oficinas para a formação dos pesquisadores Wajãpi;
- da UNESCO – Cursos, oficinas e acompanhamento para a formação de pesquisadores wajãpi, produção de livros, cursos para não índios a respeito das culturas indígenas e de patrimônio imaterial;
- do Museu do Índio/Funai – através do apoio dado, entre outras coisas, à Exposição *Jane Reko Mokasia* (Organização Social dos Wajãpi) na Fortaleza São José de Macapá e no Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque (Amapá).

### **4. Atividades desenvolvidas**

Foram realizadas as seguintes atividades:

- Diagnóstico permanente do processo de revitalização da cultura oral;
- Pesquisa e elaboração dos dados num inventário participativa;
- Atividades de pesquisa científica, de registro e de inventário do sistema gráfico kusiwa e do conjunto dos saberes orais vinculados a esta forma de expressão, que constituem o Programa de Formação dos Pesquisadores Wajãpi, abrangendo 19 jovens Wajãpi incumbidos de realizar pesquisas e sistematizar seu conhecimento sobre diversos temas da cosmologia Wajãpi;



- Implantação de um centro de referências da cultura dos Wajãpi do Amapá, o CFDW – Centro de Formação e Documentação Wajãpi, atualmente em pleno uso, dentro da Terra Indígena Wajãpi;
- Formação de professores indígenas bilíngües, e a constituição e consolidação de uma Proposta Curricular para as Escolas Wajãpi (PROCEW) que subsidie a instituição de uma educação diferenciada e soberana, pautada pelos signos e valores Wajãpi e afeita à seu modo de vida.

Todas estas atividades estão ocorrendo, e seus resultados serão apresentados oralmente no Encontro. Foram planejadas, monitoradas e avaliadas coletivamente, através dos membros do Conselho Consultivo do Plano de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Wajãpi (CCPSPIW), e executadas pelo IEPÉ e pelo APINA com apoio dos colaboradores e patrocinadores, como o IPHAN e a Petrobrás, assim como a FUNAI.

## **5. Principais dificuldades**

Em diversas reuniões do Conselho e assembléias do APINA, bem como reuniões de parceria com o IEPÉ, das quais participaram jovens (dentre eles professores, pesquisadores e agentes indígenas de saúde), mulheres e lideranças, levantou-se, resumidamente, as seguintes dificuldades:

- Dificuldade de convencer Secretaria Estadual de Educação do Amapá a apoiar as atividades de educação diferenciada previstas no Plano;
- Reconhecimento do trabalho dos pesquisadores pelas comunidades;
- Dificuldade de diálogo interno entre gerações e entre professores, pesquisadores, chefes e estudantes para trabalharem todos juntos no fortalecimento cultural dos Wajãpi;
- Poder da cultura dominante dos não-índios.

## **Programa “Arte com sementes e miçangas” de valorização dos conhecimentos das mulheres tiriyo e kaxuyana”**

Esta iniciativa teve sua origem no âmbito do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI/IPHAN, a partir de uma demanda que um grupo de mulheres apresentou à coordenação do Programa Tumucumaque/Iepé, em 2005, por ocasião da 1ª Oficina de Documentação de Saberes Orais e Manifestações Artísticas Tiriyo e Kaxuyana, realizada na Terra Indígena Parque do Tumucumaque/Pará, com apoio da Petrobrás Cultural. Esta primeira oficina foi voltada para um trabalho de sensibilização à importância da pesquisa, documentação e valorização dos saberes próprios. Nesta oficina, foi muito interessante ver jovens e velhos, homens e mulheres, empenhados em registrar seus conhecimentos e em discutir como organizá-los. Foi nesse contexto que surgiu, entre as mulheres, o “assunto” do maramara (semente nativa, utilizada na produção de tangas, colares e acessórios de vestimenta) e de um projeto de apoio que lhes permitisse organizar-se em torno da melhoria das condições de transmissão, produção e reprodução dos saberes ligados a essa prática artesanal.

Por se tratar de uma primeira iniciativa, todas as conversas foram realizadas a partir de pretensões bem modestas, tendo em vista a inexistência de qualquer outra experiência anterior nesta direção. Assim, o projeto previa um orçamento mínimo que permitiria reunir um grupo de mulheres durante 15 dias, na cidade de Macapá<sup>2</sup> para discutir a situação de seu trabalho artesanal, tanto em relação às matérias primas, quanto em relação à transmissão de conhecimentos às meninas em idade de aprendizado, bem como documentar os saberes e técnicas envolvidos nesta produção artesanal, para disponibilização e difusão ao público local e mais amplo.

A notícia da aprovação deste projeto enviado ao IPHAN foi recebida com muita satisfação pelas mulheres. E se, até então, não imaginavam que sua proposta pudesse ter boa acolhida, a partir de então, com ânimo renovado, passaram a lamentar que o projeto tivesse se restringido a apenas uma ação na cidade, e não na área indígena, e que fosse voltado apenas para a tecelagem de maramara e não de miçangas. Desde então passamos a conversar sobre a possibilidade de conseguir outros apoios que permitissem esta ampliação de planos.

A intenção agora era viabilizar uma ação prévia na área indígena antes de se dar início às ações na cidade, propostas no projeto apresentado ao IPHAN. Somente assim seria possível começar o trabalho de documentação dos saberes e técnicas envolvidos na tecelagem do maramara. E também ampliar o foco desta tecelagem com sementes, para as miçangas, que as mulheres tiriyo e kaxuyana tanto apreciam já de longa data e tanto se identificam.

Com efeito, apesar de ser mais antiga e mais apreciada internamente, a tecelagem com miçangas não encontra apelo externo. Isso as mulheres tiriyo e kaxuyana já vinham constatando há algumas décadas, ao longo de sua incipiente experiência de comercializar peças tecidas com sementes e miçangas, seja nas próprias aldeias por ocasião da presença de eventuais visitantes, seja nas cidades, por ocasião de eventuais viagens ou através do envio por encomenda. No decorrer desse tempo, perceberam que a demanda externa recai sobre peças tecidas com

---

<sup>2</sup> Tendo em vista o alto custo de atividades na Terra Indígena, devido a necessidade de frete aéreo.

matérias-primas nativas e que, para se adequar a essa demanda, precisariam produzir mais peças com sementes do que com miçangas.

Porém, o que veio à tona, somente quando souberam da aprovação daquele primeiro projeto proposto ao IPHAN é que, embora desejassem também um trabalho voltado para a valorização da tecelagem com miçangas, isso não havia sido proposto pelo receio de não encontrar boa acolhida. Colocada em pauta a possibilidade de incluir a tecelagem com miçangas, passou-se a procurar novos apoios.

Estes vieram - ainda para o ano de 2006 - da Petrobrás Cultural e da FUNAI (AER Macapá/AP, Coordenação de Educação/Brasília e Museu do Índio/Rio de Janeiro). Para o início do ano de 2007, contamos com o apoio do Iphan/DEMU, Museu do Índio e Norad. De tal modo que, ao fim de 2007 toda a área de abrangência do projeto (rio Paru de Oeste, rio Marapi e cidade de Macapá) estava coberta, e todas as mulheres interessadas puderam participar.

A partir de então o trabalho deslanchou principalmente com apoio do Museu do Índio que propôs a estas mulheres a confecção de um amplo e variado repertório de peças em miçangas e sementes para constituição de uma coleção das mesmas a ser reunida em seu acervo. Hoje, o Museu já conta com esta coleção constituída a longo dos últimos 3 anos. E encontra-se em fase de organização uma exposição sobre os conhecimentos das mulheres tiriyo e kaxuyana em torno de sua tecelagem. Finalmente, com esta exposição e tudo o que será envolvido nela, é que as mulheres tiriyo e kaxuyana terão uma primeira experiência de comercializar suas peças em sementes e miçangas no âmbito deste Programa iniciado em 2006. Isso porque o foco principal não era a comercialização e sim a valorização de seus conhecimentos, por meio de oficinas de documentação e registro dos mesmos. Que a esta altura o Programa *Arte com sementes e miçangas* inclua esta nova experiência, é algo que faz parte de um outro foco decorrente do anterior que visa apoiar a organização comunitária destas mulheres em torno de seu ofício de artesãs. Assim, as mulheres de todas as idades que já vêm participando deste programa entram agora em uma nova fase que é organizar-se em torno da gestão cultural e comercial de um ofício próprio por meio do exercício de uma arte que consideram fundamental para a realização plena do ideal feminino de artesã, tão valorizado e cultivado por suas mães e avós.

---

CTI e Wyty-Catë

Julia Trjillo Miras Costa  
Pollyana Mendonça  
Daniela Ferreira Leme da Fonseca

Arlete Bandeira  
Jonas Polino Sansão  
Simão Caicar Krahô

## Mentwajê Cultural

### Os Timbira

Krahô, Gavião-Pykopjê, Krikati, Apinajé, Canela-Apãnjêkra e Canela-Ramkokamekra. Esses são povos Timbira, ocupantes tradicionais de uma grande extensão de terras nos cerrados do norte do Tocantins e sul do Maranhão, colonizada a partir do século XIX por frentes agro-pastoris. Esta população Timbira hoje ultrapassa oito mil pessoas, distribuídas em 06 Terras Indígenas e mais de 50 aldeias. Entre os aspectos culturais estas populações se destacam as aldeias circulares, a língua, organização social, o universo ritual, modos de conceber o mundo, assim como os cantos, danças, corridas de toras e outras atividades em suas muitas festas chamadas de *amjêkin* -“alegrar-se”.

### Cultura Viva Timbira

Desde a década de 1980 o CTI desenvolve o Programa de Educação e Referência Cultural onde apóia e produz diversas iniciativas voltadas à educação formal, pesquisa e o registro dos conhecimentos e manifestações tradicionais dos povos Timbira. Um dos braços deste Programa é o Cultura Viva Timbira, caracterizado por um conjunto de ações que visam incentivar e valorizar as práticas rituais e musicais dos povos Timbira em parceria com a Associação *Wyty Catê* dos Povos Indígenas do Tocantins e Maranhão.

Com este programa, o CTI busca apoiar os rituais nas aldeias e incentivar o intercâmbio de cantadores que hoje encontra cada vez mais dificuldades de ocorrer devido às demarcações em ilhas de suas terras. Como alternativa a esta problemática o CTI busca, por meio das novas tecnologias, fazer circular os cantos entre as diferentes aldeias e povos. O gravador cassete, e as mídias atuais como o MP3, foram introduzidos pelo CTI primeiro entre os cantadores que passaram a gravar suas cantorias e a trocar fitas entre eles e hoje foram apropriados pelos jovens pesquisadores Timbira. O conjunto destas gravações formaram um pequeno acervo no Centro Timbira *Pënxwyj Hemejxâ* e sua continuidade deu origem ao Arquivo Musical Timbira.

Este trabalho com os cantadores foi ampliado com o projeto do Arquivo Musical Timbira, que promoveu, em 2004, um grande encontro de cantadores e hõcrepoj (mulheres cantadoras), que resultou na gravação do CD *Amjekin*. Este encontro foi uma grande oficina de aprendizado e trocas entre os velhos e os jovens cantadores Timbira. Com o auxílio da etnomusicóloga Kilza Setti, os Timbira passaram a se apropriar cada vez mais das técnicas de gravação e a cultivar o habito de registrar as cantorias. Em 2006 o Arquivo Musical Timbira foi expandido e foi criado o Acervo Cultural Timbira. Com este projeto o Acervo passou a contar com mais de 20.000 fotografias e vídeos coletados por pesquisadores que trabalharam com os Timbira desde a década de 1940, pela equipe do CTI e pelos próprios Timbira, que desde então, passaram a fotografar e a filmar momentos cotidianos e rituais que consideram importantes. O Acervo também conta com uma biblioteca de publicações referentes à realidade timbira.

Os Timbira demonstram grande interesse no aprendizado de técnicas de registro e nas trocas musicais proporcionadas pelas novas tecnologias. Assim surgiu a necessidade de organizar oficinas que buscassem trabalhar com o aprendizado destas técnicas e também que refletissem sobre a melhor maneira de organizar este material

para a consulta. Desta maneira iniciou-se uma longa discussão sobre os modos de classificação nativos das músicas, fotos e vídeos, ao mesmo tempo em que foi preciso iniciar uma reflexão e conscientização dos Timbira sobre a importância do uso correto e conservação dos equipamentos de registro e da organização do Acervo Cultural Timbira. A discussão é **como** e **se** estes registros poderão colaborar para o futuro das próximas gerações e da memória coletiva Timbira.

### **Mentwajë Cultural**

*“Nós temos que deixar nosso nome na terra, então temos que gravar, fotografar, registrar nossas histórias para que daqui a muito tempo nós ainda sejamos lembrados, pelos nossos netos que vão ver nossas fotos, escutar nossas cantigas e imaginar como nós pessoas bastante alegre. Esse projeto é para isso...” (Hapyhy Krahô, durante o I Mentw Cultural realizado em maio de 2006)*

Com o surgimento destas novas demandas o grande foco das ações do Cultura Viva Timbira passou a ser a formação de pesquisadores, o **Mentwajë Cultural**. Esta formação teve início na Escola Timbira e teve sua continuidade em oficinas que são realizadas no Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxyj Hëmpejxà. O objetivo é trabalhar questões ligadas a gestão do patrimônio cultural Timbira e formar jovens como pesquisadores, contando com o auxílio do Conselho (maneira como chamam os velhos considerados guardiões de muitos saberes) que ajudam a orientar os caminhos que devemos seguir.

As oficinas tiveram início em 2006, estando hoje na quinta edição. No início eram voltadas principalmente para a formação em técnicas de registro audiovisuais e a contínua alimentação, organização e classificação do Acervo Cultural Timbira. Atividades que sempre buscam incentivar a prática da pesquisa e os registros do patrimônio cultural Timbira, além de gerar intercâmbios e trocas de saberes que proporcionam a reflexão sobre seu modo de ser e o estar no mundo, sobre as relações de contato e as modificações culturais que ocorrem nas comunidades. Estas oficinas são um espaço privilegiado de transmissão de conhecimentos, pois promovem o encontro e a troca entre as diversas aldeias e gerações timbira.

Neste ano de 2010, o *Mentwajë Cultural* deu início ao projeto de pesquisa intitulado **“Corrida de Toras: patrimônio imaterial dos povos Timbira”**. Este projeto é realizado com o apoio do Iphan e foi o tema do V *Mentwajë Cultural*. Nesta oficina tivemos a oportunidade de começar a discutir idéias que até então haviam sido apenas vivenciadas. Os conceitos de patrimônio, pesquisa e acervo foram trabalhados, apresentando-os como referências ocidentais para lidar com a cultura e o conhecimento.

Após este momento de discussão demos início à pesquisa sobre as corridas de toras e os conhecimentos vinculados a elas, iniciando assim esta primeira experiência de investigação. Os jovens pesquisadores puderam utilizar seu conhecimento nas técnicas de registro para entrevistar o Conselho e também usufruir do acervo disponível no Centro Timbira para começar o processo de pesquisa. A segunda fase do projeto é a continuidade da pesquisa na aldeia, acompanhando os rituais com toras e buscando novas informações com os mais velhos. Este processo é acompanhado pelos pesquisadores do CTI que vão a campo, levando os equipamentos audiovisuais para registro da pesquisa, e colaboram na construção desta nova forma de conhecer.

## **Gestão de Patrimônios Culturais Indígenas na TI Vale do Javari**

A Terra Indígena Vale do Javari abrange os territórios dos povos Kanamary e Tsohom Djapá (povos falantes de línguas da família Katukina); Marubo, Matis, Mayoruna, Kulina Pano, (povos falantes de línguas da família Pano); e de povos indígenas em situação de isolamento e de recente contato, como os Korubo. Compreende, portanto, uma área de enorme diversidade sociocultural, onde vivem cerca de 3,4 mil pessoas (não incluindo estimativas populacionais dos cerca de 7 agrupamentos de povos indígenas isolados), distribuídas em 45 aldeias.

Com área de mais de 8,5 milhões de hectares de floresta tropical úmida e um perímetro de aproximadamente 2.068 km, está situada no extremo oeste do Estado do Amazonas e faz fronteira com o Peru, onde se estende o território do povo Mayoruna; também está próxima da fronteira com a Colômbia.

O CTI iniciou sua atuação no Vale do Javari em 1999. Desde o princípio da atuação dessa do CTI ficou claro que a única forma de garantir o enorme patrimônio cultural e ambiental da região seria por meio da participação direta dos indígenas que nela habitam. O foco, no entanto, não estava na formação de uma nova elite privilegiada ou de lideranças desvinculadas da realidade local, e sim direcionado para a formação de um conjunto significativo de cidadãos indígenas, no sentido mais amplo, com uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade envolvente.

Desde 2002 o CTI atua na formação complementar de professores indígenas na Terra Indígena Vale do Javari, através de acompanhamentos pedagógicos, minicursos, oficinas nas aldeias, cursos, e outras atividades pedagógicas que incluem intercâmbios, pesquisas orientadas e assessorias diretas as comunidades no registro de festas e rituais.

No entanto, a equipe do CTI no Vale do Javari é diminuta frente à extensão do território em questão. Em uma região onde as referências eram em suma os poucos funcionários da FUNAI e da FUNASA e a presença constante de missionários, o CTI vem se confirmando como uma alternativa de diálogo, no qual são ampliados horizontes e fecundadas as possibilidades de troca de saberes e experiências entre os povos e a sociedade ocidental, apesar da forte tendência local em denegrir a figura do antropólogo como “usurpador de culturas e línguas”.

Com as atividades do CTI no Vale do Javari, principalmente nos cursos de formação de professores indígenas, nos acompanhamentos pedagógicos e assessorias em geral, ficaram evidentes crescentes demandas por parte dos professores em pesquisar, registrar e difundir elementos variados do cotidiano comunal e conhecimentos associados.

A gestão do patrimônio cultural como tema na atuação do CTI é, portanto, incorporada no Programa de Educação e Referência Cultural. Todas as discussões e produções são oriundas dos trabalhos dos professores indígenas que assumem a função de pesquisadores, tanto para a produção interna de materiais didáticos e paradidáticos, quanto para a divulgação externa de registros de suas artes, e principalmente para a valorização e fortalecimento das atividades tradicionais e suas releituras pelo próprio povo.

No documento base *Experiências Indígenas de Pesquisa e Registro de Conhecimentos Tradicionais*, do Seminário da RCA de 2007, já foi exposto o trabalho em desenvolvimento junto ao povo Marubo do rio Ituí – livros de pesquisas sobre a farmacopéia e registros de mitologia e cantos xamânicos. Nesse texto vamos contar sobre a continuidade do trabalho junto aos |Marubo e apresentar o que está sendo iniciado junto ao povo Kanamari.

Considerando a importância do uso da língua nos espaços em que ela é atualizada - nas artes verbais, nos momentos rituais, podemos sistematizar a atuação da equipe do CTI em parceria com as organizações indígenas locais (AKAVAJA e OAMI<sup>3</sup>) em dois módulos: a criação da Série Oralidade e os registros áudio-visuais. Ambas as ações se configuram principalmente por apresentar propostas e registros a serem apreciados e utilizados pelas próprias comunidades. Os resultados desse processo inicial é que nortearão os povos e os pesquisadores indígenas na escolha dos materiais a serem abertamente divulgados e consumidos pela sociedade não indígena.

A **Série Oralidade** constitui-se em uma seqüência de materiais para-didáticos cuja proposta é compactuar a familiaridade e o manuseio de livros como suporte para o saber tradicional; a percepção de que existem outras linguagens para transmitir informações/conhecimentos; o reforço do uso da língua indígena falada e do modo próprio do contar uma história, que não pode ser reproduzido na escrita. Assim, a Série apresenta uma nova base para a vivência escolar dos mitos, cantos e afins, de modo a valorizar e enfatizar as nuances do artista verbal, oferecendo possibilidades de registro alternativas à escrita. Tais manifestações, orais por excelência, quando registradas e utilizadas fora de contexto correm o risco de reificar a própria manifestação do conhecimento, afastando os interlocutores de sua situação oral original. Não se exclui, é evidente, que aspectos dos desenhistas sejam explicitados nas ênfases das narrativas e dos cantos, mas as imagens oferecidas não se esgotam em detalhes e muito menos em possibilidades de interpretação que varia de pessoa para pessoa, de aldeia para aldeia, de rio para rio e, inclusive, de TI para TI, no caso do povo Kanamari. Já aguardam a publicação três livros baseados em pesquisas dos professores nas aldeias e/ou nos cursos de formação: *Kana'am Nawa Ankira* – História do Kana'am (mitologia Kanamari); *Nokë Këchĩxorasi Yochĩka Papiri* – Livro de Desenhos dos Nossos Pajés (representações de cantos xamânicos e mitologia Marubo); e *Kene* – Padrões Gráficos Marubo.

---

<sup>3</sup> AKAVAJA: Associação Kanamari do Vale do Javari  
OAMI: Organização das Aldeias Marubo do rio Ituí



Quanto aos registros áudio-visuais, o trabalho no rio Ituí já soma 16 CDs, uma “Festa de Ovos de Tracajá” filmada, com inúmeras entrevistas e declarações de caciques e sábios. Foi também escrita uma livre recriação dramaturgicamente do mito “Raptado pelo Raio” pelo antropólogo associado Pedro Cesarino, cujo fim é a montagem de um espetáculo teatral que vem rendendo direitos autorais para os cantores e xâmas participantes no processo.

Dada a importância que têm todas as atividades xamânicas na transmissão de conhecimento do povo Marubo, pudemos perceber que a associação deste universo à prática escolar de professores e jovens parece ter sido a ação mais acertada do programa de educação do CTI junto a este povo. Em diversas ocasiões e espaços observamos jovens, professores ou não, com cadernos repletos de cantos transcritos, escutando e registrando cantos e “sermões” (chamados de *ese vana*), conversando sobre processos de iniciação, participando de atividades rituais, evidenciando que a ação do CTI tem contribuído para a circulação deste conhecimento, provocando importantes reflexões e apresentando grande convergência com as expectativas de lideranças mais velhas.

Alguns professores incorporaram definitivamente à sua prática como educadores o registro de conhecimentos tradicionais, seja em suporte escrito ou de áudio. Como consequência desse trabalho, existe atualmente uma demanda dos Marubo no rio Ituí pelo registro audiovisual de parte do seu vasto patrimônio cultural, a partir do trabalho de pesquisa realizado por professores e outros jovens. Esta demanda levou à elaboração de uma proposta de realização de oficinas e de produção de documentário, encaminhada pelo CTI à SECAD/MEC ao final de 2009.

As atividades de pesquisa suscitadas entre os professores e jovens Kanamary, durante os cursos de formação e acompanhamentos pedagógicos nas aldeias, culminaram na proposta de um grande encontro do povo Kanamari no qual fossem convidadas pessoas das duas calhas de rio ocupadas por esse povo no Vale do Javari e inclusive representantes Kanamary de outras Terras Indígenas. Os professores Kanamary e representantes da AKAVAJA nomearam o encontro de “I Festival Cultural Kanamary do Vale do Javari” e a grande festa aconteceu na estiagem de 2008 na aldeia Remansinho, do rio Itacoaí. Os rituais, danças e brincadeiras foram filmadas e depois apresentadas com projeção em todas as 10 aldeias do rio. Cada sessão audiovisual despertava na mesma noite risadas e comentários incessantes acerca do que foi visto, e no dia subsequente todas as comunidades reuniam para cantar, dançar e registrar uma vez mais. Desse modo, a demanda por esse tipo de encontros cresceu e muitos foram os que se engajaram na produção de festas, de cantorias, de rituais, de iniciações e de pesquisas orientadas por nossa equipe. O “II Festival Cultural Kanamary do Vale do Javari” aconteceu em julho de 2009 e já contou com a presença de convidados da TI Mawetek e TI Kanamary do médio Juruá.

Em agosto desse ano de 2010 foi realizado, pela AKAVAJA em parceria com o CTI, o “III Festival Cultural Kanamary do Vale do Javari”, onde foi gravado o CD *Tüküna Waik* e um filme com momentos das manifestações tradicionais rituais e cotidianas e dos bastidores de transcrição e tradução das músicas. Todos os produtos dessa atividade encontram-se em fase de edição/finalização. Além disso, foram

distribuídos gravadores de áudio para todas as escolas e estão sendo desenvolvidas diretrizes básicas para a pesquisa, registro, circulação e arquivo de cantos e mitos. Dessa forma, são alimentados canais de comunicação inter-locais e inter-geracionais e incentivado um fluxo de relações que sempre existiram, mas nem sempre receberam devida atenção pelos atores locais. O resultado desses encontros transcende em muito as atividades de professores e alunos, e tem gerado em todas as comunidades crescente afirmação e valorização da cultura Kanamary. Alinhada com as lideranças comunitárias, a AKAVAJA já conseguiu financiamento para IV Festival que deve ocorrer no final desse ano, em uma grande aldeia no rio Javari.

Como já foi dito, o trabalho referente à gestão do patrimônio cultural indígena no Vale do Javari está em construção, num momento de reflexões constantes no qual mais do que encontrar respostas concisas nos interessa formular questionamentos e colocar em pauta as derivações cotidianas de um trabalho de pesquisa interno sobre elementos culturais, tão tradicionais quanto contemporâneos.

Desse modo, muito mais do que os produtos, o eixo de nossas atenções são os processos de valorização e revificação cultural que ocorrem nas aldeias e são, em grande medida, influenciados pelas pesquisas dos professores e suas atividades didáticas, dentro e fora da escola. Nesse caso, estabelecer movimentos de resistência e reinvenção frente às pressões globalizantes para tudo o que se pode entender como “cultura” é, por fim, o escopo de nossa atitude indigenista. A maneira como os povos se relacionam como esses movimentos, por sua vez, nos brinda com importantes reflexões sobre as possibilidades de permanência e de transformação cultural que, desde logo, estaremos sempre longe de esgotar.

---

**ATIX**

Pikruk Kayabi  
Yaiku Suya  
Chibot Juruna

## **Resumo da Apresentação do trabalho de gestão de patrimônio cultural da Associação Terra Indígena Xingu- ATIX**

### **Povo Yudja do Xingu.**

#### **Resgate da música Kriwai (índio de outra Etnia).**

Essa música é uma música que estava sendo pouco cantada pelo povo Yudja. Isto motivou que se fizesse um pequeno projeto para fazer a gravação no CD. Atualmente a Música Kriwai e também festa trataram está no CD e sendo cantada pela maioria do povo Yudja do Xingu, em Mato Grosso. Através desse projeto foram gravadas outras músicas além do Kriwai, fortalecendo a cultura do povo.

### **Povo Kisendje**

#### **Práticas culturais e ensino de manejo diferenciada para os alunos da escola central Kisendje**

Esse trabalho foi pensado para fortalecer e incentivar as praticar culturas para os alunos entenderem melhor o trabalho feito pelos Kisendje e comunidades na qual participa no planejamento de aprendizados da escola junto com os professores indígenas do povo, como em outras práticas culturais do povo Kisendje.

---

**FOIRN e ISA**

Erivaldo Almeida Cruz  
Luiz Aguiar  
Higino Pimentel Tenorio  
Maximiliano Correa Menezes

André Luiz Martini

## A “Cachoeira de Iauaretê” ou “Cachoeira da Onça”

A Cachoeira de Iauaretê está localizada na confluência dos Rios Uaupés e seu afluente Papuri, rios que marcam as fronteiras nacionais entre Brasil e Colômbia, região noroeste da Amazônica. Como se referiu o etnólogo alemão T.Koch-Grumberg em sua passagem pela região no ano de 1903, a Cachoeira de Iauaretê é um mar de rochas, e com várias quedas. Trata-se com efeito de um extenso e acidentado trecho do Rio Uaupés, cujo movimento é ainda mais acentuado com as águas lançadas bem ali pelo Rio Papuri, e que impressiona pela beleza e magnitude. Seu território, objeto desta solicitação de Registro, circunscreve uma paisagem cultural depositária de narrativas míticas, históricas e de representações políticas uma vez que, inúmeras de suas rochas, lajes, ilhas e paranás constituem referências centrais para a imaginação mito-histórica dos povos indígenas da bacia do Rio Uaupés.

A “Cachoeira de Iauaretê”, ou “Cachoeira da Onça”, constitui um dos lugares de referências nos relatos míticos que versam sobre a origem e fixação das etnias de filiação lingüística Aruaque e Tukano Oriental e Maku, habitantes atuais da localidade de mesmo nome. Suas pedras, buracos, corredeiras, igarapés foram palco de vários episódios míticos que compõem a saga dos ancestrais das diversas etnias que hoje habitam os Rios Uaupés e Papuri, principalmente. É freqüentemente, mencionada nas representações e discursos culturais constitutivos dos processos políticos locais. Ela está na centralidade das construções míticas que estabelecem a legitimidade e a constituição de prerrogativas sobre a ocupação e fixação ancestral de cada uma das etnias, naquele território. As narrativas míticas descrevem, em sua maioria, episódios épicos reveladores das guerras, perseguições, mortes e do estabelecimento das relações de afinidade (exogamia lingüística) que permitiram, e vem permitindo até hoje, a convivência entre os vários grupos étnicos, falantes de línguas distintas, que compartilham o mesmo território.

Todos os eventos ocorridos no tempo da “**gente onça – yaí mahsã**” quando ainda não existiam os seres humanos, ocorreram em lugares específicos, reconhecidos até os dias de hoje como lugares sagrados. Naqueles que se localizam na Cachoeira de Iauaretê e em seu entorno, as personagens do mito deram origem, por processos sucessivos de transformação, as formações rochosas que se prestam hoje a montagem de **caíás, kakuris e matapis** instrumentos de pesca que revelam um profundo conhecimento sobre o manejo dos ambientes naturais a partir dos quais os homens de hoje obtêm sua subsistência. Para os Tariano, povo de língua aruaque, a Cachoeira de Iauaretê é lugar primordial de ocorrência destas transformações por parte de um demiurgo, que lhes dará origem, constituindo-se, nesse sentido em testemunho de sua fixação naquele território.

Para os Tukano Orientais, na Cachoeira de Iauaretê é um dos pontos de parada da cobra-canoa que em seu ventre trouxe os ancestrais dos povos indígenas do Uaupés. Há ali uma pedra que marca o lugar onde encostou ao chegar a Iauaretê, e de onde partiu para deixar os ancestrais de povos, hoje localizados a montante dos Rios Uaupés e Papuri.

A Cachoeira de é também referência socioeconômica, posto que nela estão situados os lugares para pesca, definidos ancestralmente, e destinados a cada etnia. Estes lugares expressam da mesma forma, a especialidade da hierarquia que organiza as relações de consangüinidade entre irmãos **maiores e menores**, entre **chefes, pajés e servidores** e as relações de afinidade que estão na centralidade dos códigos de reciprocidade, da dinâmica das trocas rituais como, por exemplo, o que

ocorre no rito conhecido por **Dabukuri**, entre as diferentes etnias. Os mitos e suas narrativas revelam, também, códigos de manejo social, político, ambiental e fundiário. Assim falar da Cachoeira, significa destacar as origens de cada etnia e desvelar os códigos de transmissão de suas tradições.

Assim para além de sua natureza geográfica uma “Cachoeira” constrói-se ali uma paisagem cultural constituída por lugares considerados sagrados pela densidade de sentidos que os mitos lhe concedem.

---

**HUTUKARA e ISA**

Maurício Tomé Rocha  
Marinaldo Sanuma  
Rogel Seise Yanomami

Lidia Montana Castro



## Programa de Educação

Iniciado em 1995, o programa de educação intercultural da CCPY atende à reivindicação dos Yanomami que vêm no processo escolar um modo de fortalecer suas línguas por meio da alfabetização, bem como de ter acesso a informações e conhecimentos exógenos hoje indispensáveis à sua autonomia sócio-política e econômica, uma vez que seu contato com o mundo exterior passou a ser crescente e irreversível.

Ao acatar o desejo dos Yanomami por uma educação social e culturalmente apropriada, o programa estabeleceu como seus principais objetivos:

- Garantir a perenidade e o dinamismo das línguas yanomami, dotando-as de uma grafia e de um acervo de textos próprios (cartilhas escolares, jornais, livros, etc.), favorecendo sua apropriação de novos conhecimentos conforme seu sistema de conceitos e lógica cultural específicos.
- Pôr à disposição da sociedade yanomami novos saberes, técnicas e informações que permitem a seus membros alcançar o pleno exercício da cidadania e de, assim, poder assumir, de maneira autônoma, a defesa dos seus direitos territoriais, culturais e civis, conforme as disposições da Constituição brasileira.

O programa de educação intercultural da CCPY baseia-se, assim, num princípio de “etnografia simétrica”: pretende garantir acesso aos Yanomami a um conhecimento fidedigno sobre a sociedade envolvente (nas suas versões regionais, nacionais e internacionais), e isto na sua língua e de acordo com seus próprios processos de produção do saber.

A tarefa prioritária do programa de educação da CCPY é, além da sustentação de sua rede de 35 escolas indígenas, a formação dos professores yanomami que assumirão progressivamente sua gestão autônoma. O programa realiza com este fim cursos anuais com duração de um mês e 200 horas de aulas sobre várias disciplinas básicas e específicas (história, geografia, aritmética, ciências naturais e ecologia, direitos indígenas, escrita yanomami, português, pedagogia, educação sanitária e informática). Durante o ano, o funcionamento de cada escola indígena é acompanhado por assessores especializados do quadro da CCPY, assegurando-se, assim, a continuidade da formação pedagógica dos docentes yanomami e a qualidade do ensino dispensado.

O programa de educação intercultural da CCPY visa obter o reconhecimento das escolas yanomami e de seu currículo original pelos Conselhos Estaduais de Educação de Roraima e Amazonas, de modo que, até 2010, a primeira turma de professores yanomami esteja devidamente formada e apta para exercer oficialmente o magistério, podendo, assim, integrar, com sua língua e seu patrimônio cultural específico, o quadro do sistema educativo nacional.

O programa organiza também para os professores Yanomami estágios lingüístico e cultural em outros grupos indígenas de Roraima falante do português. Esta iniciativa é desenvolvida com a colaboração da Associação dos Povos Indígenas de Roraima (APIR), do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e da Organização dos Povos Indígenas de Roraima (OPIR). Além de favorecer o domínio oral e funcional desta língua, tais intercâmbios visam favorecer a solidariedade entre os povos indígenas de Roraima, bem como formar os docentes yanomami a atividades de pesquisa histórica, social e cultural como meio autônomo de adquirir conhecimentos.